

SANTOS DA MISERICÓRDIA

Pe. Fábio Aparecido Barbosa

INTRODUÇÃO

Um empresário resolveu que num dia do ano chamaria todos os maltrapilhos, todos os mendigos e moradores de rua para entrarem em sua loja, tomariam um banho e escolheriam qualquer roupa de sua loja para se vestirem. Alguns poderiam dizer: - isto não acontece e não acontecerá nunca! Eu vos digo: - Isto acontece todos os dias em cada santa missa quando Deus nos veste com a sua roupa de misericórdia. Na santa missa somos fortalecidos e nos motivamos a continuar nossa caminhada para o céu! Isto acontece também, quando buscamos o sacramento da confissão, Deus nos veste com o seu perdão, esta roupa de misericórdia que nos levanta e nos anima a continuar nossa caminhada para a eternidade.

A missão vital de inúmeros santos e beatos se desenvolveu na realidade da misericórdia. Se faz necessário alcançarmos a misericórdia para nossa vida pessoal, neste sentido, Jesus diz a Santa Faustina: - “Para obter o milagre da misericórdia, não é preciso fazer peregrinações a terras longínquas, nem celebrar solenes ritos exteriores, mas basta pôr-se com fé aos pés de um representante meu e confessar-lhe a própria miséria, e o milagre da Divina Misericórdia se manifestará em sua plenitude... São infelizes os que não aproveitam este milagre da Divina Misericórdia!” (Diário de Santa Faustina, p.326).

Vale recordar ainda, antes de falarmos propriamente dos santos da misericórdia, as palavras cheias de significado, que São João XXIII pronunciou na abertura do Concílio: “Nos nossos dias, a Esposa de Cristo prefere usar mais o remédio da misericórdia que o da severidade. (...) A Igreja Católica, levantando por meio deste Concílio Ecumênico o facho da verdade religiosa, deseja mostrar-se mãe amorosa de todos, benigna, paciente, cheia de misericórdia e bondade com os filhos dela separados” (MisericordiaeVultus).

1. Significado do ano da misericórdia

É a proximidade a Deus que faz possível como Igreja a manifestação da misericórdia de Deus. A Igreja precisa deste momento extraordinário. Na nossa época de profundas mudanças, a Igreja é chamada a oferecer a sua contribuição peculiar, tornando visíveis os sinais da presença e da proximidade de Deus. Certa vez, uma criança fez para seu pai uma pergunta difícil de ser respondida. É muito típico esta

dificuldade que os adultos encontram para responder determinadas perguntas das crianças. O menino perguntou ao pai: - Pai, que tamanho é Deus? O Pai pensativo e sem palavras continuou a pensar: - Que tamanho que é Deus?! No momento exato estava passando um avião, e mais que depressa o pai apontou para o avião, e disse ao filho: - Estás vendo aquele avião? O menino respondeu: - Sim, pai. E o pai lhe perguntou: - Que tamanho é aquele avião? O menino inteligentemente respondeu: - Pequeno demais pai! O Pai colocou o filho no carro e o levou até o aeroporto, e novamente diante de um avião, lhe perguntou: - E este avião que tamanho é? O menino lhe respondeu mais que depressa: - Este é enorme pai, impressionante o tamanho deste. O pai disse ao filho: - Filho, o tamanho de Deus, depende da distância que você está dele, se você estiver longe dele, Deus se torna muito pequeno na sua vida, mas se você estiver perto dele, Deus se torna o maior na sua vida. Portanto, neste ano da misericórdia, somos chamados em primeiro lugar a nos aproximar de Deus, quanto mais próximo Dele, maior será sua presença em nossa vida, assim podemos experimentar sua misericórdia e transmitir esta misericórdia aos demais.

Somos chamados na caminhada cristã a realizar um testemunho de vida que agrade não só as pessoas mas, sobretudo, é preciso agradarmos a Deus. Este Jubileu, em suma, é um momento privilegiado para que a Igreja aprenda a escolher unicamente “aquilo que a Deus mais agrada”. E o que é aquilo que “a Deus mais agrada”? Perdoar os seus filhos, ter misericórdia deles, a fim de que esses possam, por sua vez, perdoar os irmãos, brilhando como tochas da misericórdia de Deus no mundo.

A misericórdia uns para com os outros, esta é a chave para transformar as realidades, esta experiência é capaz de mudar-nos desde dentro. Será possível perceber inúmeras mudanças nas pessoas, nas famílias e na sociedade pela manifestação da misericórdia. É um ano para nos esforçamos para ter misericórdia em primeiro lugar de nós mesmos e daqueles que estão do nosso lado nesta caminhada para o céu. Queremos agradecer a Deus? Sim, então nos esforcemos por perdoar tudo e todos!

Santo Ambrósio, em um livro de teologia que tinha escrito sobre Adão, toma a história da criação do mundo e diz que Deus, todos os dias, depois de ter feito uma coisa – a lua, o sol ou os animais – diz: “E Deus viu que isso era bom”. Mas quando fez o homem e a mulher, a Bíblia diz: “Viu que isso era muito bom”. Sant’Ambrósio se pergunta: “Mas por que diz ‘muito bom’? Por que Deus ficou tão contente depois da criação do homem e da mulher?”. Porque no fim tinha alguém para perdoar (Catequese do Papa sobre o Ano da Misericórdia - 09/12/15).

“É próprio de Deus usar de misericórdia e, nisto, se manifesta de modo especial a sua onipotência”(MisericordiaeVultus). Estas palavras de São Tomás de Aquino mostram como a misericórdia divina não é, de modo algum, um sinal de fraqueza, mas antes a qualidade da onipotência de Deus. Não somos fracos ou tolos por sermos misericordiosos, pelo contrário, somos fortes.

Se ficarmos bem atentos ao evangelho perceberemos que a realidade que impulsiona Jesus Cristo é sempre a misericórdia, assim Jesus lia no coração de seus

interlocutores e dava resposta às necessidades mais autênticas que tinham. Quando encontrou a viúva de Naim que levava o seu único filho a sepultar, sentiu compaixão pela dor imensa daquela mãe em lágrimas e entregou-lhe de novo o filho, ressuscitando-o (Cf. Lc 7, 15).

O Papa Francisco nos convida neste ano da misericórdia a reconhecermos nossos pecados, reconhecer que somos pecadores, assim percebemos o quanto precisamos da misericórdia de Deus.

Eis porque é necessário reconhecer ser pecador para reforçar em nós a certeza da misericórdia divina. “Senhor, eu sou um pecador; Senhor, eu sou uma pecadora: venha com a tua misericórdia”. Essa é uma oração belíssima. É uma oração fácil de dizer todos os dias: “Senhor, eu sou um pecador; Senhor, eu sou uma pecadora: venha com a tua misericórdia”.

2. Ministros da Misericórdia

2.1. Santo Cura d’Ars (1786-1859)

Santo Cura d’Ars gostava muito de repetir de maneira convicta: “O sacerdócio é o amor do Coração de Jesus”. “Um bom pastor, um pastor segundo o coração de Deus, é o maior tesouro que o bom Deus pode conceder a uma paróquia e um dos dons mais preciosos da misericórdia divina”.

Dizia a seus paroquianos: “Nosso Senhor é, sobre a terra, como uma mãe que leva o seu filho nos braços. Esse menino é ruim, dá pontapé na mãe, morde-a, arranha-a, mas a mãe não faz caso disso; ela sabe que se o deixar, o menino cai, não pode caminhar sozinho. Nosso Senhor também é assim; Ele suporta todos os nossos maus-tratos, suporta todas as nossas arrogâncias, perdoa-nos todas as nossas estupidezes, mas tem piedade de nós, apesar de tudo isso”.

Quando Cura d’Ars encontrava penitentes receosos pelos mesmos pecados cometidos, e as vezes penitentes que duvidavam do perdão de Deus, lhes dizia: “O bom Deus sabe tudo. Antes de vos confessardes, sabe já que pecastes mais outra vez, e todavia vos perdoa. Como é grande o amor do nosso Deus, que vai até o ponto de se esquecer voluntariamente do que aconteceu, justamente para nos perdoar”.

Grande era o movimento de pessoas que recorria a sua paróquia para buscar o perdão de Deus, Cura d’Ars precisava que: “Não é o pecador que volta para Deus para lhe pedir perdão, mas é o próprio Deus que corre atrás do pecador e o faz regressar a Ele”.

2.2. São Leopoldo Mandic (1866-1942)

Em primeiro lugar é bom dizer que este frade capuchinho sempre foi rodeado de muitos penitentes.

Durante cerca de trinta anos, passava cerca de dez a quinze horas por dia no segredo da sua cela-confessionário, escutando e perdoando os pecadores em nome de Deus. Por causa da sua pequena estatura e da sua atitude humilíssima, havia, até mesmo entre os seus confrades, quem o subestimasse. Diziam “que era um confessor ignorante, de mangas demasiado largas, que absolvía a todos sem discernimento e chamavam-no depreciativamente “o frade absolvedor-de-todos”.

São Leopoldo se desculpava dizendo: “Dizem que sou demasiado bom, mas quando alguém vem se ajoelhar diante de mim, não é esta uma prova suficiente de que quer ter o perdão de Deus?”. Explicava a um confrade, foi Ele quem nos deu o exemplo! Não fomos nós a morrer pelas almas, mas foi Ele quem espalhou o seu sangue divino. Devemos tratar as almas como Ele nos ensinou com o seu exemplo”. Noutra ocasião explicou: “Se o crucificado me tivesse acusado de “manga larga”, responder-lhe-ia: “Este mau exemplo, Senhor, foste Tu quem mo deste! Eu é que ainda não cheguei à loucura de morrer pelas almas!”

Para os pecadores distribuía toda a Misericórdia, ao passo que no seu coração guardava todos os direitos da justiça de Deus, tanto que aos penitentes – depois de os ter perdoado, dizia: “A penitência, cumpro-a eu!”.

Não é fácil explicar a gloriosa e difícil missão que Deus confiou ao padre Leopoldo, a de viver e experimentar (também pelos seus penitentes) toda a dramática e dolorosa beleza deste sacramento, tantas vezes descuidado pelos cristãos. Muitos esquecem-se de que ele é, juntamente com a Eucaristia, o coração ardente do cristianismo.

No sacramento da confissão é imprescindível ter a consciência de duas realidades: primeiro, através da consciência de ter crucificado o Senhor da vida (pela acusação dos pecados); depois, pelo reconhecimento, a ação de graças e a adoração (por causa do perdão). É aqui que o sangue derramado por Jesus na cruz desce diretamente sobre a sua alma.

3. Beata Teresa de Calcutá (1910-1997)

Uma oração que fazia Tereza de Calcutá expressa bem o seu programa de vida, um programa fundamentado na misericórdia: “Meu Deus... não quero voltar atrás. A minha comunidade são os pobres. A segurança deles é a minha. A saúde deles é a minha saúde. O meu teto é o dos pobres. Não o dos simples pobres, mas o daqueles que são os mais pobres entre os pobres. Aqueles de quem evitamos nos aproximar com

medo de ser contagiados, de nos sujarmos... aqueles que não vão à Igreja porque não têm roupa para vestir. Aqueles que não comem porque perderam as suas forças. Aqueles que se encostam pelos caminhos sabendo que vão morrer, enquanto os vivos passam ao lado, ignorando-os. Aqueles que já não são capazes de chorar porque já não têm lágrimas”. É um programa de vida fundamentado nas obras de misericórdia.

Para viver tal misericórdia a Beata Tereza de Calcutá motivava suas irmãs com a seguinte imagem: - “Já observastes com que amor e delicadeza um sacerdote trata o corpo de Cristo, durante a missa? Procurai vós fazer o mesmo na casa (dos moribundos) aonde tendes de ir: ali está Jesus, sob a aparência do sofrimento”.

A quem lhe pedia informações mais detalhadas sobre o seu programa e como organizava as suas “obras de misericórdia”, Beata Tereza de Calcutá respondia que tinha sempre em vista o mesmo início, o mesmo centro e a mesma tarefa. E explicava-se assim:

- O início: “Nós começamos sempre pela limpeza do banheiro; começamos desta forma a abrir os corações”.

- O centro: “Eu amo Jesus com todo o coração e com todo o meu ser. Tudo lhe dei, até os meus pecados, e Ele imergiu-me na ternura do seu amor. Agora e para sempre pertenço toda ao meu Esposo Crucificado”.

- A tarefa: “Trabalhar para a santificação dos pobres, para dar a Deus santos...”.

Certamente é impressionante ver como uma santa compreende as obras de misericórdia como capazes de marcar um caminho possível e totalmente direito, que passa pelos lugares mais humildes da terra até os lugares mais gloriosos do paraíso.

4. Santa Faustina

Duas riquezas principais podemos destacar transmitidas por Santa Faustina:

4.1. A necessidade da misericórdia

Em 4 de abril de 1937 a irmã Faustina recebe de Jesus este convite: “Escreve, tudo o que existe encontra-se encerrado nas vísceras da minha misericórdia, mais profundamente que uma criancinha no seio materno. Oh, como dolorosamente me fere a desconfiança para com a minha bondade! Os pecados de desconfiança são os que me ferem mais dolorosamente” (p. 255).

Quando falamos de misericórdia, sempre aparece na reflexão a questão da conciliação com a justiça. O Papa Bento XVI em dezembro de 2011, quando falava aos presos da cadeia de Rebibbia, dizia: “Justiça e misericórdia, justiça e caridade são duas

realidades diferentes somente para nós homens, que distinguimos cuidadosamente um ato justo de um ato de amor. Justo para nós é “o que é devido ao outro”, enquanto misericordioso é o que é dado por bondade. Uma coisa parece excluir a outra. Mas para Deus não é assim: nele justiça e caridade coincidem; não existe uma ação justa que não seja também ato de misericórdia e de perdão e, ao mesmo tempo, não existe uma ação misericordiosa que não seja perfeitamente justa”.

4.2. Reflexos da misericórdia

Santa Faustina desde cedo rezava implorando a Jesus a graça de poder tornar-se ela mesma “toda misericórdia”.

E Jesus observava-a, satisfeito, e aprovava com insistência: “Minha filha, desejo que o teu coração seja modelado segundo o meu Coração misericordioso. Deves ser totalmente inundada pela minha misericórdia” (p. 55).

CONCLUSÃO

Concluamos com uma oração de Santa Faustina, temos a oportunidade nesta oração de implorar a Jesus sua misericórdia:

“Ó Senhor, desejo transformar-me todo na tua misericórdia, para ser o reflexo vivo de Ti. Ajuda-me, ó Senhor, a fazer com que os meus olhos sejam misericordiosos, de modo que eu nunca nutra suspeitas e não julgue com base em aparências exteriores, mas saiba descobrir o que existe de belo na alma do meu próximo e o ajude. Ajuda-me, ó Senhor, a fazer com que os meus ouvidos sejam misericordiosos, para que me incline sobre as necessidades do meu próximo, e que os meus ouvidos não sejam indiferentes aos sofrimentos e aos gemidos do meu próximo. Ajuda-me, ó Senhor, a fazer com que a minha língua seja misericordiosa e nunca fale desfavoravelmente do próximo, mas tenha para cada um uma palavra de conforto e de perdão. Ajuda-me, ó Senhor, a fazer com que as minhas mãos sejam misericordiosas e cheias de boas obras, de modo que eu saiba fazer unicamente o bem ao próximo e tome sobre mim os trabalhos mais pesados e mais penosos. Ajuda-me, ó Senhor, a fazer com que eu corra sempre em ajuda do próximo, vencendo a minha indolência e o meu cansaço. O meu verdadeiro repouso seja a disponibilidade para com o próximo. Ajuda-me, ó Senhor, a fazer com que o meu coração seja misericordioso, de modo que participe de todos os sofrimentos do próximo. Também quero sinceramente comportar-me com os que sei antecipadamente que vão abusar da minha bondade para, quanto a mim, me refugiar no Misericordiosíssimo Coração de Jesus. Nunca falarei dos meus sofrimentos. Instala em mim, ó meu Senhor, a tua misericórdia... (p. 54).

REFERÊNCIAS

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO.
Os Santos e a Misericórdia. São Paulo, Paulinas, Paulus, 2016.

<http://papa.cancaonova.com/catequese-do-papa-sobre-o-ano-da-misericordia-091215/>

FRANCISCO, Papa. *Misericordiae Vultus*. Disponível em
http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papafrancesco_bolla_20150411_misericordiae-vultus.html